VI Semana de História do Pontal
Sociedade, Cultura, Patrimônio
25 A 28 DE SETEMBRO DE 2018
V Encontro de Ensino de História
ISSN 2179-5665

# Lampião da Esquina: imprensa e representação homossexual na Ditadura Civil-militar (1978 - 1981)

Angela Aparecida Teles
*Professora do Curso de História ICH/UFU*

Jurandir Ribeiro Muniz
*Graduado em História ICH/UFU*

A análise do jornal *Lampião da Esquina* nos possibilitou a reflexão sobre as identidades sexuais e de gênero construídas em suas páginas em um momento importante para a história brasileira recente, 1978-1981, período da abertura política da ditadura civil-militar brasileira (1964-1985).

*Lampião da Esquina* nasceu num contexto de luta contra o autoritarismo vigente da época que incluía, para além da ditadura militar, o machismo, o racismo e o genocídio indígena. O surgimento de um jornal que propunha tratar abertamente sobre a sexualidade e lutar contra a opressão só foi possível com a liberalização política do final da década de 1970, a partir da revogação do Ato Institucional n.5- AI5 e da aprovação da Lei de Anistia de 1979.

O jornal não pretendia falar apenas para o público homossexual, por isso incluiu em suas páginas as pautas das chamadas minorias: mulheres, negros e indígenas. A agenda de lutas específicas dos "gueis" incluía a "desmistificação" sobre a homossexualidade e a produção de uma nova identidade "guei". Faziam parte do conselho editorial desse jornal, homens *gays* assumidos: jornalistas, professores e artistas de classe média: Adão Acosta, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Darcy Penteado, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean-Claude Bernadet, João Antônio Mascarenhas, João Silvério Trevisan e Peter Fry.

ISSN 2179-5665

Sua sede ficava em Santa Teresa, Rio de Janeiro, e era uma publicação de *Lampião*, editora de livros, revistas e jornais com distribuição mensal para todo o Brasil. O jornal teve trinta e sete edições sequenciais, três edições extras e a edição de número zero, totalizando 41 publicações. Os exemplares continham entre 16 e 20 páginas nas quais existiam colunas fixas que aparecem em todas as edições – Reportagem, Esquina, Bixórdia, Cartas na Mesa e Opinião – e seções eventuais: Ensaio, Tendências, Ativismo, Literatura e Colírio.

Os conceitos de representação, identidade e diferença foram fundamentais para a nossa reflexão. Segundo Katryn Woodward as identidades são produzidas por sistemas de representação:

> A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível àquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar. (WOODWARD, 2009, p.17).

*Lampião da Esquina* construiu uma representação homossexual onde novos sentidos foram apresentados para a construção identitária naquela conjuntura histórica.

**A construção de uma nova identidade homossexual**

Alguns historiadores apontam que o golpe civil-militar em 1964 não afetou as transformações nos grandes centros urbanos que conferiam uma maior visibilidade aos LGBTs. O processo de urbanização e industrialização do Brasil nas décadas de 1950/60, atrelado à mecanização e concentração da propriedade rural provocou ondas migratórias que mudaram drasticamente a vida de milhões de trabalhadores que saíram do campo para a cidade. Esse deslocamento populacional constituiu um novo mundo urbano.

O historiador James Green apontou para uma singularidade nessa massa migratória. Dessa massa anônima de trabalhadores ele voltou sua atenção para jovens homossexuais que

ISSN 2179-5665

migraram em busca de melhores condições de vida e trabalho, mas principalmente para escapar do controle de suas famílias conservadoras. Esses homossexuais que viviam no campo sobre o controle familiar, em uma cultura tradicional fundada sob bases patriarcais, teriam migrado para os grandes centros urbanos atrás de liberdade. Esse deslocamento produziu a socialização de homossexuais do campo com homossexuais dos grandes centros urbanos. ( GREEN, 2000).

O autor analisa como essas mudanças socioeconômicas afetaram a sociabilidade homossexual produzindo uma nova representação identitária a partir das subculturas que intensificaram a disputa pelos espaços urbanos, como ruas, bares, cinema e teatros produzindo uma nova visibilidade homossexual.

A partir dos anos 1960 os homossexuais puderam ocupar novos espaços públicos quando empresários de casas noturnas perceberam que havia um mercado para locais que atendessem exclusivamente a essa clientela. Nesse novo cenário urbano teria surgido uma nova identidade homossexual distinta do sistema de gênero brasileiro baseado na dualidade bicha/bofe:

> Segundo esse modelo, em atividades eróticas homossexuais tradicionais, o homem, ou, na gíria, o bofe, assume o papel "ativo" no ato sexual e pratica a penetração anal em seu parceiro. O efeminado (bicha) é o "passivo", o que é penetrado. A "passividade" sexual desse último atribui-lhe a posição social inferior da "mulher". Enquanto o homem "passivo", sexualmente penetrado, é estigmatizado, aquele que assume o papel público (e supostamente privado) do homem, que penetra, não o é. Desde que ele mantenha o papel sexual atribuído ao homem "verdadeiro", ele pode ter relações sexuais com outros homens sem perder seu status social de homem. (GREEN, 2000, p.28)

Baseando-se nos argumentos do antropólogo Peter Fry, James Green afirma que essa nova identidade gay apontava para uma fissura no sistema de gênero até então dominante.

> [...] em algum momento dos anos 60 uma nova identidade sexual surgiu. Ela tomou forma inicialmente entre os homossexuais masculinos de classe média nos centros urbanos brasileiros e era baseada mais numa escolha do objeto sexual do que em papéis de gênero. A urbanização, a expansão da classe média, uma contracultura endógena, mudanças nas relações de gênero, influências culturais gays internacionais, tudo isso contribuiu para a construção dessa nova identidade, que era semelhante à identidade gay que

ISSN 2179-5665

> se desenvolveu nos Estados Unidos nas décadas de 1930 e 1940. (GREEN, 2000, p. 29)

Nessa nova identidade gay, o homem que mantém relações sexuais com outro homem não teria que se enquadrar nos papéis dicotômicos do bofe/ativo ou da bicha/passiva. O aparecimento dessa nova identidade passou a conviver com a dualidade bicha/bofe que ainda não teria desaparecido e com a bissexualidade dos homens casados que praticam sexo com outros homens, apontando para uma multiplicidade de homossexualidades.

No final dos anos 1970 o jornal *Lampião da Esquina* se constituiu num espaço de articulação e visibilidade dessa nova identidade gay trazendo para o debate público temas como a censura e a violência contra gays, lésbicas e travestis.

O projeto político descrito no editorial "Saindo do Gueto" do número zero questiona os estereótipos sobre o homossexual e propõe que os homossexuais saiam do espaço a que estavam confinados historicamente. O jornal reivindica um espaço na imprensa para questionar a imagem-padrão do homossexual para lançar luz às trevas impostas. *Lampião* busca iluminar o gueto em suas páginas com um projeto de assunção homossexual. Esse discurso encorajador permanece até os últimos exemplares. "Assumir-se", conforme esse discurso, seria se posicionar frente à sociedade e reivindicar um espaço para a realização pessoal independente de sua orientação sexual. Na edição número zero podemos ler:

> [...] É não apenas se assumir e ser aceito – o que nós queremos é resgatar essa condição que todas as sociedades construídas em bases machistas lhes negou: o fato de que os homossexuais são seres humanos e que, portanto, tem todo o direito de lutar por sua plena realização, enquanto tal. (LAMPIÃO, nº 0, p.2, abr., 1978).

O tema da assunção homossexual é retomado na edição de número 2:

> Assumir-se, no caso, significa o processo de aceitar com naturalidade a condição de homossexual, sem alardeá-la, mas sem escondê-la. Isto não se consegue nem rápida nem facilmente, mas, em geral, a duras penas, depois de angústias e frustrações. (LAMPIÃO, nº 2, p.2, jun., 1978).

De acordo com os trechos destacados, só "se assumindo" os homossexuais poderiam romper o silêncio para resgatar sua condição de ser humano e ter o direito de plena realização.

ISSN 2179-5665

O jornal vai construir outra imagem do gay apropriando-se de termos pejorativos associados ao homossexual de maneira irônica e debochada. Lampião utiliza o termo "povo guei" como referência a unidade do grupo, e provocando questionamentos e vai contribuir na (re)construção da identidade do homossexual, distinguindo os indivíduos homossexuais e subgrupos e as particularidades desse coletivo. A apropriação de expressões negativas para se referir aos homossexuais teve um duplo objetivo: identificar um grupo e ressignificar a comunidade homossexual. Assim, o termo "bicha" é predominante no discurso do jornal.

**O registro da censura e da repressão às homossexualidades**

Entre 1978 e 1979, os membros do conselho editorial do *Lampião da Esquina* responderam a um inquérito policial baseado na Lei de Imprensa por "apologia ao homossexualismo" e atentado à " moral e aos bons costumes".

Na edição de número 05 de outubro de 1978 *Lampião* torna pública a "pressão" que estaria sofrendo desde o mês de agosto daquele ano através do texto *Sinal de Alerta* assinado pelo conselho editorial e publicado na última página do jornal. O conselho editorial constrói alguns eventos como um sinal dos limites do processo de abertura política ensaiada pelo militares e perguntava " a quem interessa esse tipo de repressão"?

> Nove jornalistas responsáveis pela matéria intitulada "O Poder Homossexual", publicada pela revista *Isto É* em dezembro, foram chamados pela polícia, no dia 19 de setembro, para ouvir a ata de um Inquérito no qual são acusados de fazer "apologia malsã do homossexualismo". Este fato indica urna crescente preocupação do sistema com a questão dos bons costumes, no mesmo momento em que é prometida uma liberalização na área política. Outros indícios desta preocupação também podem ser registrados: a condenação do Dr. Roberto Farina, também em São Paulo, por "lesões corporais", por ter feito uma operação de transexualismo num dos seus pacientes; e o processo contra o jornalista Celso Cúri em que este é acusado de "promover encontros entre anormais". Em todos estes casos as acusações não foram muito claras: os jornalistas teriam deixado transparecer na matéria em questão que "homossexualismo dá status" e o Dr. Farina teria mutilado seu paciente, embora este tenha sido sua principal testemunha de defesa. (LAMPIÃO, nº 05, 1978, p.16)

ISSN 2179-5665

Para o jornal existiriam determinados grupos para os quais a repressão deveria fazer parte de suas vidas no país. Em janeiro de 1979 os editores resolveram tratar do tema de maneira mais incisiva nas páginas do jornal. Agnaldo Silva assina o texto *A difícil batalha dos censores contra a realidade* e começava sua reportagem fazendo referência à entrevista concedida pelo chefe da censura em Brasília ao jornal *O Globo,* na qual apontava a incompatibilidade entre a legislação a ser cumprida pelo serviço de censura e a moral vigente na sociedade. A partir do lugar de membro do conselho editorial e de coordenador de edição, Agnaldo Silva apresenta a defesa do projeto político de *Lampião*:

> [...] não é possível fabricar pílulas anticoncepcionais indiscriminadamente e, ao mesmo tempo, acreditar que os bebês nascem dos repolhos ou do bico diligente das cegonhas; da mesma forma, não é possível considerar imoral a luta de um determinado grupo - discriminado sexualmente - para sair do gueto que lhe foi imposto e assumir seu lugar na sociedade, deixando de ser, dessa forma, cidadãos de segunda classe. (SILVA, 1979, nº 09, p.18)

O questionamento do processo contra os editores fundamentava-se no diagnóstico daquele presente e na discussão sobre as noções de moralidade/imoralidade. O tempo presente marcado por pílulas anticoncepcionais seria incompatível com uma moral que não discutia abertamente a sexualidade. Nessa perspectiva, a proposta de tirar a homossexualidade do "gueto" está sintonizada com a realidade daquele presente e a imoralidade estaria na hipocrisia em ignorar tais questões.

> LAMPIÃO, como informou desde o começo aos seus leitores, é um jornal de minorias, que se dispõe, ao mesmo tempo, a levantar uma questão raramente discutida em outros órgãos da imprensa: a necessidade de assumir o prazer como um dos direitos fundamentais do homem. A tese de que, quanto a essa questão, é de bom tom não vê-la a partir de determinados prismas - o homossexualismo é um deles - não poderia nunca ser encampada por nós porque isso seria aceitar o fato - este sim, imoral - de que a hipocrisia deve obrigatoriamente fazer parte de nossas vidas. (SILVA, 1979, nº 09, p.18)

Ao situar o prazer sexual no campo dos direitos fundamentais do homem, Agnaldo Silva afirmava a seriedade do projeto "lampiônico" e colocava a censura ao jornal no campo da imoralidade e da hipocrisia. A fala de Agnaldo Silva constrói um campo de luta para *Lampião*: a imprensa progressista em sintonia com as transformações que estariam em curso

ISSN 2179-5665

naquele momento vivenciado como um tempo de liberalização. O campo progressista estaria sintonizado com os ventos da liberalização política e de costumes, e a censura caminhava na contramão.

O discurso jornalístico desqualificava as práticas dos censores e sustentavam o projeto "lampiônico" de tirar as "homossexualidades" das sombras e trazê-la para esfera pública. A questão homossexual não era objeto jurídico, nem da criminologia, mas situava-se no âmbito da cultura e dos costumes. Depois de 12 meses os editores processados foram inocentados.

No ano de 1980 após a promulgação da Lei de Anistia, no contexto da "abertura lenta e gradual" planejada pelos militares, *Lampião da Esquina* debateu os limites e ambiguidades daquele contexto de "liberalização" tematizando a violência do Estado por meio das operações policiais chamadas de *Rondão e Operação Limpeza* chefiadas pelo delegado José Wilson Richetti no governo Paulo Maluf (1979-1982) na cidade de São Paulo.

Nas reportagens da edição nº 26 de julho de 1980, *São Paulo: a guerra santa do dr. Richetti* e o *Arouche é Nosso*, João Silvério Trevisan começa o texto com a seguinte epígrafe: "De noite, eu rondo a cidade a te procurar, sem encontrar...". Trata-se da canção Ronda, de Paulo Vanzolini, gravada nos anos 1950 e consagrada como homenagem a São Paulo. Aqui, Trevisan é irônico ao se apropriar de uma canção romântica para tratar da violência praticada pela polícia. O texto sintetiza a ação policial:

> Inicialmente havia apenas reclamações isoladas de anônimos travestis e prostitutas vitimadas pela violência policial que, desde o fim de maio, tomou conta de São Paulo, sob pretexto de limpar a cidade de vagabundos, anormais (também conhecidos por homossexuais), decaídas ou mundanas, marginais e desocupados em geral. Como é que se limpa uma cidade de l0 milhões de habitantes, refúgio dos miseráveis de todo o Brasil, com taxa de desemprego atingindo 8% da população ativa? Fácil: dando serviço para a polícia que, nestes tempos de semi-anistia, é menos solicitada, mas precisa mostrar serviço. E dá-lhe, desvairada Paulicéia! (TREVISAN, nº 26, 1980, p.18)

A violência generalizada contra prostitutas, gays e negros, fez com que o movimento feminista, o movimento negro e o movimento gay unissem esforços para denunciar tais práticas. O jornalista registra a fala das vítimas e da polícia dando crédito às vítimas e colocando em dúvida a fala policial.

ISSN 2179-5665

> [...] Outras mulheres vítimas da repressão referem-se aos banhos de água fria e às porradas que arrancam dentes, quebram pés e provocam abortos: denunciam extorsões mascaradas em fianças altíssimas para serem libertadas, e roubos sistemáticos de objetos de valor ou dinheiro, no ato da prisão. Richetti, muito eloquente, diz que é incapaz de bater numa mulher nem tolera que seus investigadores o façam. Mas segundo depoimento de uma vítima ao deputado Eduardo Suplicy, é o próprio Richetti quem esmurra as costas ou a cabeça das mulheres que deixam a prisão, exigindo que mantenham o bico calado sob pena de represália. E um travesti relata como Richetti abriu uma gaveta e fechou-a violentamente, prendendo seus seios. Naturalmente, esses infelizes são acusados de inventar tudo, porque não estão do lado da lei, que cria a verdade. Mas nestes dias não é preciso muito esforço para ver surras, em público. Na esquina da Rego Freitas com Major Sertório, investigadores tentam, tirar a dentadura de um travesti, para recolher a gilete ai escondida. Como ele jura aos berros que seus dentes são naturais, é espancado e tido por mentiroso. Não adianta apresentar documentos ou provas de bom comportamento, pois o critério é dos policiais. Muitas prostitutas estão sendo presas inclusive quando trazem habeas-corpus preventivo, que é rasgado no momento da prisão, pelos homens da lei. (Riso- sarcásticos para a cega justiça). Nem adianta mostrar holerites milionários se você é uma bicha desmunhecada. (TREVISAN, nº 26, 1980, p.18).

O historiador Rafael Freitas Ocanha que pesquisou as rodas policiais de combate à homossexualidade na cidade de São Paulo, situa historicamente o surgimento desse aparato repressor. Para ele, o combate à guerrilha urbana trouxe novas políticas de policiamento ostensivo para as ruas, sobretudo após 1968. Assim, nasceu em 1969 as Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar (ROTA) vinculada à polícia militar que tinha por objetivo combater a guerrilha urbana. Já a polícia civil criou as Rondas Unificadas do Departamento de Investigações (RUDIS), a GARRA especializada em combater os assaltos a bancos. (OCANHA, 2015, p.150).

O autor afirma que a ditadura não teria perseguido de maneira ostensiva e programada os homossexuais, mas que teria ocorrido um aprimoramento do policiamento ostensivo nos territórios LGBT, ou seja:

> Com a derrota da guerrilha no início da década de 1970, o aparelho repressivo das rondas voltou-se para a criminalidade urbana. A ROTA, por exemplo, mudou o foco de combate a terroristas para o policiamento da periferia da cidade de São Paulo, enquanto o delegado Sérgio Paranhos Fleury, que até então dedicava-se à repressão aos presos políticos no DEOPS-SP, passou a organizar rondas de combate à prostituição de travestis

ISSN 2179-5665

> quando esteve à frente do Departamento de Investigações Criminais (DEIC), em 1979. (OCANHA, 2015, p.150)

Esse deslocamento de foco da ação repressiva aponta para a resistência dos aparatos repressores e as permanências do estado de exceção mesmo após o fim do AI 5 e a promulgação da Lei da Anistia em 1979. Como os movimentos sociais que começavam a ser organizar naquele contexto reagiram às investidas do aparato repressor?

A segunda reportagem publicada por *Lampião da Esquina* sobre a "operação limpeza", intitulada *O Arouche é Nosso*, construiu visibilidade para prostitutas, gays, travestis, feministas, militantes do movimento negro e militantes de esquerda que participaram de uma manifestação pública organizada contra o delegado Richetti que era apoiado pela grande imprensa, pela imprensa sensacionalista, pelos seus superiores e pela associação de lojistas da região central da cidade de São Paulo.

> Naquela sexta-feira 13 de junho [1980], dia de Santo Antônio, quase mil pessoas se reuniram diante do Teatro Municipal, no começo da noite. É verdade que há uma chuva intermitente; mas pela panfletagem e contatos realizados, esperava-se pelos menos o dobro de pessoas. Talvez os chamados setores democráticos não tenham achado a causa suficientemente nobre. No entanto, seus escassos representantes ali presentes pareciam dispostos a tirar o máximo rendimento possível. Compareceram sim as bichas rasgadas que pouco têm a perder, além da vida. Mesmo debaixo de um certo clima de tensão, foram se abrigando algumas faixas que pediam a exoneração de Richetti, protestavam contra a prisão cautelar ali experimentada e exigiam o fim da violência policial, da discriminação racial e a libertação de putas e travestis. (TREVISAN, nº 26, 1980, p.18)

O olhar atento do repórter/escritor João Silvério Trevisan descreve o comportamento dos diferentes segmentos unidos pelo estigma, repressão e revolta, e a reação daqueles que foram surpreendidos por tal evento nas ruas da cidade. A reação, segundo o observador, vinha do espanto com as atitudes dos manifestantes, "beijos, abraços e desmunhecações legítimas", dos slogans e palavras de ordem pronunciadas pelos manifestantes em coro e estampadas nas faixas e cartazes.

> E devem ter ficado ainda mais confusos [transeuntes] quando estourou o primeiro slogan, gritado numa só voz: ADA, ADA, ADA RICHETTI É DESPEITADA. Ou então: A B X, LIBERTEM OS TRAVESTIS. Formada a

ISSN 2179-5665

> passeata, logo depois, as frases foram pipocando, quase sempre impagáveis: RICHETTI ENRUSTIDA DEIXA EM PAZ A NOSSA VIDA. UM DOIS TRÊS RICHETTI NO XADREZ. ABAIXO O SUBEMPREGO MAIS TRABALHO PARA OS NEGROS muitas manifestantes se espantaram quando algumas feministas puxaram um refrão longamente por todos repetido: por todos SOMOS TODAS PUTAS. Subindo pela Avenida São João e parando o trânsito, a passeata abria-se com um cordão de mulheres enlaçadas. Podia-se ouvir em uníssono: O GUEI UNIDO JAMAIS SERÁ VENCIDO ou AMOR FEIJÃO ABAIXO O CAMBURÃO (que, para contentar os mais tradicionais, variava para ARROZ FEIJÃO ABAIXO A REPRESSÃO). Já na Praça Júlio Mesquita, a passeata se detém diante do Edifício Século XX, que abriga grande número de prostitutas e foi recentemente invadido pela polícia; temerosas de revanche, as mulheres não compareceram ao Ato mas saem às janelas e são aplaudidas. Aproximando-se do Largo do Arouche, ecoam os gritos uníssonos de LUTAR VENCER, MAIS AMOR E MAIS PRAZER. Ou também: AMOR TESÃO, ABAIXO A REPRESSÃO. A essa altura, algumas bichinas ( sic) mais afoitas pulam numa desmunhecação feroz e ensaiam seus próprios slogans do tipo RICHETTI É LOUCA, ELA DORME DE TOUCA. Entrando no Largo proibido desde há duas semanas, os manifestantes gritam O AROUCHE É NOSSO.

A conclusão foi que a " abertura havia encontrado seus bodes expiatórios" e condenatória à ação repressiva, pois, segundo Trevisan, o problema não era moral, mais de sobrevivência. Para sustentar sua fala registrou a rede de solidariedade que se construía entre os que sobreviviam nas ruas da capital paulista no momento de intensa crise econômica, "basta ouvir a prostituta Kátia: 'Quando posso, dou cobertura para os trombadinhas. Passa um por mim correndo e eu digo: Vai meu filho, que Deus te ajude' e ironicamente o cronista de *Lampião da Esquina* fecha sua narrativa com os últimos versos da canção Ronda "... e nesse dia então vai dar na primeira edição: cena de sangue num bar da Avenida São João ". (TREVISAN, nº 26, p. 18, 1980).

Essa cruzada moralista realizada na cidade de São Paulo entre 1976 e 1982 objetivava construir uma área de confinamento para travestis. A crescente visibilidade das travestis nos anos 1970 a partir da popularização das terapias hormonais e da prostituição nas ruas, o *trottoir*, constituiu-se numa questão de "ordem pública" para os setores conservadores e seu aparato repressor. De acordo com Ocanha:

> As ações da polícia não ocorriam de forma permanente e ininterrupta, portanto não existia uma repressão sistemática como as que ocorreram na Alemanha Nazista, nos Estados Unidos Macarthista ou na Argentina de

ISSN 2179-5665

> Videla. A repressão da polícia de São Paulo pretendia regular o mercado da prostituição ao estabelecer áreas em que as sexualidades desviantes que atendessem a reprodução fossem comercializadas e vigiadas. O controle da polícia ligava-se à corrupção policial, pois os detidos nas rondas viam-se na obrigação de negociar a soltura. Por mais que houvesse a pretensão de confinar, não havia efetivo suficiente para as ações e nem recursos financeiros para concluir os planos. (OCANHA, 2015,p. 172)

Os membros do aparato policial haviam encontrado uma solução para combater a crise econômica e a remuneração precária, além de afrontar publicamente a política de abertura política proposta pelos militares. *Lampião da Esquina* registrou esse arbítrio em pleno processo de "abertura política".

## REFERÊNCIAS

GREEN, James N. **Além do Carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

OCANHA, Rafael Freitas. As rondas policiais de combate à homossexualidade na cidade de São Paulo (1976-1982). In: GREEN, James N.; QUINALHA, Renan (Orgs.). **Ditadura e homossexualidades**: repressão, resistência e a busca da verdade. São Carlos: Edufscar, 2015

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da et al. **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p.7-82.

## FONTES

**LAMPIÃO** da Esquina , Rio de Janeiro, nº 0, edição experimental, abril de 1978

**LAMPIÃO da Esquina**, Rio de Janeiro, ano 1, nº 2, p.2, junho de 1978.

**LAMPIÃO** da Esquina, Rio de Janeiro, ano 1, nº 05, outubro de 1978.

SILVA, Aguinaldo. A difícil batalha dos censores contra a realidade. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano 1, nº09, p.5, janeiro de 1979.

TREVISAN, João Silvério. São Paulo: a guerra santa do dr. Richetti. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano 3, nº28, p.18, julho de 1980